

#cm
2
QUARTA-FEIRA

O cearense e a bossa

Fagner lança um **improvável álbum** de bossa nova com produção de **Roberto Menescal** e participações de **Marcos Valle, Wanda Sá e Zeca Baleiro**. Página 2



Isabela Espíndola

Um disco do tamanho certo

AFFONSO NUNES

O que pode ser mais contraditório do que Raimundo Fagner gravando bossa nova? De um lado, um gênero construído sobre a contenção — expansão harmônica, vozes sussurradas, o mínimo necessário para dizer o máximo. Do outro, um intérprete de timbre potentem expansivo e o sotaque nordestino inconfundível. Uma tensão produtiva se estabelece de cara. E é justamente dela que nasce “Fagner – Bossa Nova”, um álbum surpreendente (e improvável) lançado pela gravadora Biscoito Fino com produção, arranjos e violões de Roberto Menescal, idealização do próprio cantor e direção vocal de José Milton. Há que se destacar a capa do disco, assinada por Gê Alves Pinto, que remete aos projetos gráficos que marcaram os lançamentos do selo Elenco, a morada artística de alguns dos principais álbuns bossanovistas.

A negociação artística do intérprete para levar a missão a cano é cuidadosa. Fagner ajusta a emissão, limita os seus conhecidos vibratos, explora as notas graves — e ainda assim, dentro do cercado bem definido em que vive a bossa, encontra espaço para ser ele mesmo.

Cada canção do repertório escolhido carrega uma memória sua: do dia 23 de junho de 1971, quando chegou ao Rio de Janeiro, até os encontros que se seguiram com os próprios criadores do gênero. Aos poucos, sem que percebesse exatamente quando, Fagner já estava com todos eles: Vinicius de Moraes, Tom Jobim, Nara Leão, Roberto Menes-

cal e Ronaldo Bôscoli, o amigo que o tirou dos dias mais difíceis levando-o para dentro de sua casa com Elis. Um não bossa novista cearense recebido pela turma como se fosse um deles — caso raro, talvez único.

“Chega de Saudade”, de Vinicius e Tom, foi, segundo o próprio Fagner, uma sensação que nunca terminou. O jovem cantor forma-

do por seresteiros do rádio ficou em choque ao ouvir pela primeira vez a voz e o violão de João Gilberto. “Fiquei com essa música na cabeça por anos”, recorda. Em sua voz, ela segue radiante — mas inegavelmente fagneriana. “Canto de Ossanha”, de Vinicius e Baden Powell, ganha peso nos graves encorpados pelo tempo, e a memória aqui é do próprio poeta

Um encontro casual num supermercado selou a participação de Wanda Sá no projeto de bossa nova idealizado por Fagner



Divulgação

A capa do novo álbum de Fagner remete ao design inconfundível do lendário selo Elenco, que lançou verdadeiros clássicos da bossa nova



Reprodução

Um cearense no coração da bossa: Fagner com Ronaldo Bôscoli, Elis Regina e Miéle

Vinicius, que em uma festa em Salvador, logo após o lançamento do disco “Manera Fru-Fru, Manera” em 1973, virou-se para os amigos reticentes diante do novo artista cearense e disse, peito aberto: “Esse aqui vocês vão ter que aturar.”

O álbum é também um exercício de afeto declarado. “Tereza da Praia”, samba canção pré-bossa de Billy Blanco e Jobim, é dividida com Zeca Baleiro — e Fagner ainda se deslumbra por ter visto a dupla que a eternizou em 1954: “Dick Farney e Lucio Alves estavam na TV Tupi, na Urca. Nunca me esqueci.” A sinergia entre dos dois amigos nordestinos faz jus à icônica gravação de Farney e Alves, com direito a divagações sobre uma possível Tereza cearense ao fim da canção. “O Negócio é Amar”, de Carlos Lyra e Dolores Duran, evoca as tardes na Zona Sul e a genialidade do amigo Lyra. “Samba de Verão” reúne Fagner e Marcos Valle nos vocais: “Ele tinha que estar nessa. Sou fã e amigo”, afirma o cantor.

Da dupla Menescal e Bôscoli, entrou “Rio” no lugar do mais óbvio que seria “O Barquinho” — uma escolha deliberada — já que Fagner quis homenagear a canção menos regrada para celebrar um dos maiores amigos que teve, Ronaldo Bôscoli, morto em 1994. “Meu padrinho que me amava totalmente. Ele era único. Quando brigava com Elis, eu pegava o pequeno João Marcello no colo e saía da sala”, lembra com a intimidade de quem viveu de dentro aquela história.

“Samba em Prelúdio”, de Baden e Vinicius, abre com Fagner e, após os primeiros versos, entrega a interpretação à voz soprosa e sentida de Wanda Sá — um encontro que nasceu de forma inesperada, em um supermercado na Zona Sul do Rio. “Estou fazendo um álbum de bossa nova, vamos?”, disse Fagner ao vê-la. E ela foi. Já “Águas de Março” é solo: só Fagner e a gaita de Rildo Hora refazendo o que Tom Jobim fez com Elis na gravação mais conhecida, de 1974. Uma escolha que diz algo sobre a relação entre os dois artistas — Fagner se lembra de um almoço no Cobal do Leblon em 1994, meses antes da morte do compositor, quando Tom se levantou de uma mesa próxima e pediu educado: “Posso falar com o amigo de vocês?” Conduziu Fagner até sua mesa e quis conversar sem dividi-lo com ninguém. Falar sobre a vida, apenas a vida.

O álbum se encerra com “Wave”, também de Tom, com novas frases do intérprete e mais uma vez a gaita de Rildo Hora, e com “Por Causa de Você”, preciosidade de Dolores Duran com música de Jobim, que tem o violão de André Pinto-Siqueira e o piano de Adriano Souza como colaboradores discretos e (altamente) precisos. É nessa faixa que tudo o que há em Fagner cabe, finalmente, sob medida — dentro de um gênero que parecia pequeno para ele, mas que se revelou, ao longo do disco, exatamente do tamanho certo.

AFFONSO NUNES

Espera-se que bateristas que marquem o compasso, o que pode fazer de muitos deles coadjuvantes numa formação musical. Will Calhoun não é dessa prateleira. Membro fundador do Living Colour — banda que revolucionou o rock ao fundir funk, metal e jazz a partir do final dos anos 1980 — o baterista construiu em paralelo uma carreira solo igualmente inquieta, guiada por décadas de pesquisa de campo nas savanas da Austrália, no Mali, no Marrocos, no Senegal e no norte do Brasil. É desse confluência sem fronteiras que abraça passado e futuro que eclode sua obra solo: um afrofuturismo sonoro, fusão de ritmos africanos, grooves urbanos, jazz e música eletrônica que Calhoun mostra nesta noite de quarta-feira (11) em apresentação única no Blue Note Rio, às 20h.

Formado pelo Berklee College of Music, Calhoun ganhou dois Grammys com o Living Colour — em 1989 e 1990, ambos na categoria Best Hard Rock Performance — e acumula outras quatro indicações pela sua obra solo em jazz, entre elas os álbuns Native Lands, com Pharoah Sanders e Wallace Roney, e Celebrating Elvin Jones, com Christian McBride e Jan Hammer. A lista de colaboradores ao longo da carreira inclui Wayne Shorter, McCoy Tyner, Ron Carter, Marcus Miller, Harry Belafonte e Lauryn Hill. Em 2023, recebeu o Cultural Vanguard Award do Bronx Museum



Divulgação

A carreira solo de Will Calhoun, mais conhecido por seu trabalho no Living Colour, é marcada pela pesquisa rítmica

A bateria sem fronteiras de Will Calhoun

Integrante do Living Colour traz ao Blue Note Rio show solo marcado pelo afrofuturismo e por décadas de pesquisa rítmica

por suas contribuições artísticas e pesquisa cultural.

Agora, em extensão à turnê do Living Colour pelo Brasil, Calhoun permanece no país para mostrar seu trabalho solo

com quarteto em que tem como companhia tarimbados músicos brasileiros: os irmãos Jorge (sax e flauta), Kiko (piano) e Alberto Continentino (baixo). No repertório de jazz, percussão étnica e a

estética afrofuturista que publicações como o New York Amsterdam News descreveu como “novas e excitantes perspectivas trazidas das explorações da diáspora negra”.

SERVIÇO
WILL CALHOUN QUARTET
Blue Note Rio (Av. Atlântica, 1910 - Copacabana)
10/3, às 20h
Ingressos a partir de R\$ 70

ROTEIRO MUSICAL

POR AFFONSO NUNES



Divulgação

Tradição e renovação

Dando sequência a mais uma semana de programação do Mês das Mulheres, o Blue Note Rio recebe nesta quarta (11) uma noite dedicada à valorização da música instrumental brasileira e do Samba Jazz, com apresentação de Yumi Park no show do EP “Desconstrução”. O espetáculo celebra a cultura brasileira, com um repertório primoroso que une a genialidade de mestres como Edu Lobo, Vinícius de Moraes, Dori Caymmi e Danilo Caymmi à renovação da cena atual de Paulo Francisco Paes, pianista e compositor da nova geração.



Fotos Divulgação

Festejos autorais

Assumidamente influenciada pelo bruxo Hermeto pascoal, com quem já dividiu palco, a multi-instrumentista Carol Panesi apresenta “Festejo Brasileiro”, seu novo trabalho autoral, na Casa do Choro, nesta quarta (11), às 19h. O show reúne um trio com Carol (violino e rabeca), Fábio Leal (guitarra) e Ajurinã Zwarg (bateria e percussão). No repertório, 12 composições próprias, entre choro, forró, maracatu, frevo e samba, com homenagens a mulheres da cultura popular. A apresentação marca a estreia de Carol como rabequeira nos palcos.



Divulgação

Ecletismo no Beco

Liderado pelo contrabaixista Jimmy Santa Cruz (foto), o Maktub Quarteto se apresenta nesta quarta-feira (11), às 20h30, no Beco das Garrafas, em Copacabana. Além de Santa Cruz, o grupo é formado por Serginho Pinheiro (piano), Fernando Pereira (bateria) e Vanessa Lamura (vocaís). Com repertório eclético que transita por diferentes estilos musicais, os músicos vão apresentar suas releituras de obras de Ivan Lins, Tom & Vinicius, Cole Porter, Milton nascimento, Toninho Horta, Djavan e Arlindo Cruz.

Fenômeno de bilheteria com Sonia Braga, que recria o carnaval dos anos 1940, ganha a ribalta da TV Brasil, emissora da televisão aberta que mais fomenta o cinema autoral no país

RODRIGO FONSECA

Especial para o Correio da Manhã

Em meio ao projeto cultural (porreta) de Antonia Pellegrino, como diretora de Conteúdo e Programação da EBC, de transformar a TV Brasil numa das mais preciosas fontes de acesso ao cinema autoral brasileiro na televisão aberta, a emissora educativa abre espaço em sua grade, nesta quarta-feira, às 21h, para um fenômeno de bilheteria: “Dona Flor e Seus Dois Maridos”. A sessão desta noite (com repetição às 3h) antecipa a comemoração dos 50 anos de um sucesso que vendeu 10.735.524 ingressos no Brasil a partir de sua estreia, em 22 de novembro de 1976. Seu êxito rendeu ao cineasta Bruno Barreto o passaporte para filmar nos EUA.

Ardidos com o sabor de cebola crua, os beijos trocados entre a quituteira Florípedes Paiva (Sonia Braga) e o malandro Valdomiro Santos Guimarães, o Vadinho (José Wilker), na trama desse tocante longa-metragem sintetizaram o romantismo em nossas salas de projeção. Seu universo narrativo tem gênese no livro homônimo de Jorge Amado (1912-2001). Cultuado como Mídas do documentário no país, Eduardo Coutinho (1933-2014) trabalhou no roteiro do filme, ao lado de Leopoldo Serran (1942-2008). Sonia tornou-se “A” estrela nacional com o êxito alcançado por sua personagem.

Exibida no Paris Theatre de Nova York, em 1978, a love story metafísica produzida pela LC Barreto foi lançada na França em 3 de agosto de 1977, ocupando, de cara, dez salas exibidoras de Paris, o que se configurou como um fenômeno para uma produção sul-americana. Em 1979, uma indicação ao Globo de Ouro



O trisal mais famoso do cinema brasileiro com Vadinho (José Wilker), Dona Flor (Sônia Braga) e Teodoro (Mauro Mendonça)

50 anos do ‘Jules et Jim’ do Além



Bruno Barreto nas filmagens de ‘Dona Flor e Seus Dois Maridos’: o êxito do longa carimbou seu passaporte para realizar trabalhos em Hollywood

de Melhor Filme De Língua Não Inglesa assegurou prestígio hollywoodiano a Bruno, que conquis-

tou o Kikito de Melhor Direção por seu requintado desempenho por trás das câmeras. O realizador chegou a engatar uma carreira lá fora, assim como Sonia, que filmou com Robert Redford, Clint Eastwood, Kleber Mendonça Filho e outros mestres. Intérprete de Vadinho, numa com-

posição memorável, José Wilker (1946-2014) também deu o ar de sua graça (e seu talento) para a indústria hollywoodiana, ao aparecer em “O Curandeiro da Selva” (1992).

Vale lembrar, no elenco desse marco popular do nosso cinema, da atuação em estado de graça de

Mauro Mendonça, encarnando o apolíneo Dr. Teodoro. A fotografia dionisíaca é assinada por Murilo Salles. Na trilha sonora, “O Que Será”, de Chico Buarque, na voz de Simone, tornou aquela paixão de Flor e Vadinho ainda mais envolvente e sinestésica.

É na madrugada de domingo de Carnaval em 1943, em Salvador, que a trama começa. Ali, um grupo de foliões está sentado na calçada de um bar cantando e bebendo. Um deles cai morto no chão: é Vadinho. Após o enterro, Flor, a viúva, relembra seu casamento. Desde o início do matrimônio, Vadinho se mostra um aspirante a Zé Pilintra, com compulsão pelo jogo. Sai todos os dias com amigos para jogar e beber, e quase sempre chega em casa bêbado na manhã seguinte. Algumas vezes, Flor o encontra jogado na calçada. Pede dinheiro emprestado para todo mundo e adquire muitas dívidas. Chega a bater em Flor pelo fato de ela se negar a lhe emprestar algum. Além disso tem muitas amantes. Apesar de não ser um marido exemplar, Flor gosta muito dele e sente muito sua falta quando ele morre. Para ela, Vadinho era um ótimo amante.

Com o tempo, Flor vai deixando o sofrimento de lado e vai retomando a sua rotina, começa a se vestir melhor e a sair mais de casa. Um dia recebe uma carta e acaba descobrindo que o farmacêutico, dr. Teodoro, está apaixonado por ela. Decide se casar com ele. Ela vive bem ao lado do marido, mas algumas vezes se sente agoniada. Um dia começa a receber visitas do fantasma de Vadinho Nasce ali um trisal, o mais famoso que nosso cinema já consagrou, como um “Jules et Jim” do Além.

Hadouken

agora em grande estilo

À caça de um substituto para o filão super-herói, Hollywood encontra nos filmes baseados em games uma nova mina de ouro, o que inspira o regresso de ‘Street Fighter’ às telas



Andrew Koji interpreta Ryu, o queridinho do povão gamer

RODRIGO FONSECA

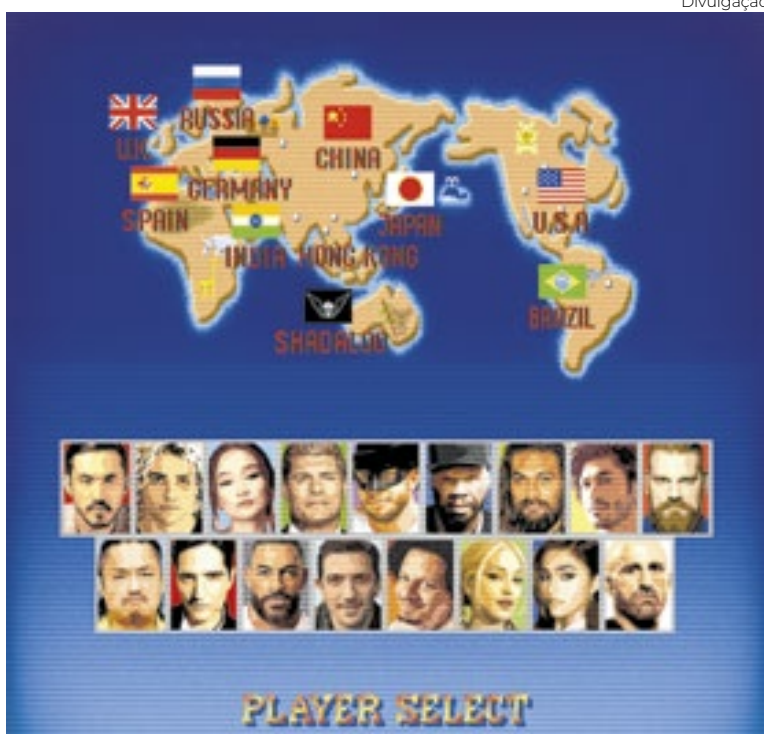
Especial para o Correio da Manhã

Ryu, Ken, Chun-li e o milico americano Guille fizeram a alegria de muito marmanjo que cresceu a partir de 1987, quando os desenvolvedores de jogos eletrônicos Hiroshi Matsumoto, Takashi Nishiyama e Yoshiki Okamoto criaram para o arcade (nosso bom e velho fliperama) um game de pancadaria, com lutadores de diferentes cantos do planeta, onde a única regra era vencer. Assim nasceu a febre “Street Fighter”, que vendeu 56 milhões de unidade em 38 anos de sucesso, além de inspirar a confecção de roupas e bonecos e gerar uma série animada que o SBT passou entre nós entre 1995 e 96. No dia 15 de outubro deste ano, uma versão em carne e osso das personagens que confinaram gerações de nerds aos joysticks vai ganhar o cinema, prometendo um fenômeno de bilheteria para os cofres da Paramount. Um primeiro trailer (muito bom) já roda no YouTube, como um esquentar para o filme.

Seu principal chamariz, contudo, começa nesta quarta-feira no Japão: a Capcom Cup, um torneio anual de jogos eletrônicos de luta. Criada em 2013, essa copa digital, que usa em seu título o nome da empresa responsável por “Street Fighter”, a Capcom, vai utilizar sua 12ª edição, a ser realizada no auditório Ryogoku Kokugikan, em Tóquio, até o dia 15, com 48 jogadores, para promover a versão cinematográfica



Cody Rhodes interpreta o militar americano Guille na versão do game criado em 1987 e abaixo, o elenco completo da produção



do lendário videogame.

O longa-metragem, dirigido pelo realizador Kitao Sakurai (da série “Twisted Metal”), tem produ-

ção da Legendary Pictures e conta com elenco pop. Jason Momoa, o Aquaman, foi incumbido de interpretar o guerreiro capoeirista do

Brasil, Blanka, que virou um monstro graças às maquinações do ditador M. Bison, o vilão nº 1 do fliper, vivido por David Dastmalchian. Coube ao artista marcial e ator Andrew Koji (“Trem-Bala”) interpretar Ryu, o queridinho do povão, com seu superpoder singular: a descarga de energia Hadouken.

Igualmente disputada nos arcades, a combatente Chun-Li foi confiada à atriz Callina Liang. Noah Centineo dará vida a Ken, melhor amigo de Ryu e seu parceiro de combate. Completam a trupe Mel Jarson (no papel de Cammy), Roman Reigns (como Akuma), Cody Rhodes (como Guile), 50 Cent (no papel do boxeador Balrog), Hirooiki Goto (como Honda), Vidyut Jammwal (como Dhalsim) e Orville Peck (como Vega).

Rodada na Austrália, a trama de “Street Fighter” será ambientada em 1993, quando os lutadores Ryu (Koji) e Ken Masters (Centineo) são colocados em combate depois que a misteriosa Chun-Li (Callina Liang) recruta os dois para o Torneio do Guerreiro Global: uma competição que envolve mestres em diferentes estilos de pancadaria. Porém, por trás dessa disputa, existe uma conspiração mortal que, se for levada adiante por M Bison (Dastmalchian), levará o planeta Terra ao game over.

Em 1994, houve uma adaptação para o cinema de “Street Fighter” com Jean-Claude Van Damme encanando Guille e Raul Julia (1940-1994) vivendo M. Bison, que custou US\$ 35 milhões e rendeu US\$ 99 milhões. Esse faturamento ficou aquém do esperado e o fato de Van

Damme ter se envolvido pesadamente com drogas à época, num escândalo de vício público, jogou uma pá de terra sobre os planos de se criar uma franquia.

Os tempos agora, entretanto, são outros, e o vento virou em prol das produções inspiradas em games populares, sobretudo depois de “Minecraft, O Filme” (2025), também com Momoa, ter faturado quase US\$ 1 bilhão, impulsionada pelo carisma do ator Jack Black. Não por acaso, ele volta a interpretar (só com a voz) o monstro imperialista Bowser em “Super Mario Galaxy: O Filme”, que sai em 21 de abril com fome por bilhões de dólares. É a sequência de “Super Mario Bros.”, que arrecadou US\$ 1,3 bilhão em 2023, numa fase de queda vertiginosa de interesse por longas de super-heróis. Com o sucateamento das jazidas baseadas em quadrinhos, os videogames viraram a maior diversão. Tanto é que em maio, o ferrabrás Karl Urban (o Billy Bruto da série “The Boys”) encarnará Johnny Cage em “Mortal Kombat II”, um dos poucos fliperamas de tapa na cara a fazer frente a “Street Fighter”. O premiado Tadanobu Asano é quem interpreta Lorde Raiden, umas das figuras mais populares desse arcade conhecido pela modalidade fatality, um golpe de esquartejamento dos derrotados.

Não restam dúvidas de que, diante da demanda de Hollywood, um “Minecraft II” já está no forno, assim como um quarto capítulo da saga “Sonic” (2020-2024), com Keanu Reeves em seu elenco de vozes.

CORREIO CULTURAL



Divulgação TV Globo

Suely Franco arrebatou o público como Rose em 'Dona de Mim'

Suely Franco e Globo: contrato vitalício

Aos 86 anos, Suely Franco acaba de assinar contrato vitalício com a Globo. A promoção veio após o sucesso da atriz como a Rosa de "Dona de Mim", papel que lhe rendeu o prêmio APCA de melhor atriz em 2025. Até então, a veterana era contratada esporadicamente por obra, modelo no qual trabalham a maioria dos artistas da emissora atualmente. Suely iniciou sua trajetória

em 1960, no Teatro dos Sete, companhia de Fernanda Montenegro e Fernando Torres. Sua estreia nos palcos foi em "O Beijo no Asfalto", de Nelson Rodrigues, em 1961. Na TV, passou pela Tupi, Manchete, Record, Band e Globo. Nesta última, participou de mais de 30 novelas e séries, como "Mulheres de Areia", "O Cravo e a Rosa", "A Favorita" e "Sítio do Picapau Amarelo", em que viveu Dona Benta.

A 1ª lista do João Rock

CPM 22, Detonautas, Os Paralamas do Sucesso, Armandinho, Criolo, Zé Ramalho e Marina Sena são as primeiras atrações do festival João Rock, divulgadas nesta terça-feira (10). A edição 2026 do evento de música brasileira acontecerá dia 1º de agosto, em Ribeirão Preto (SP). Ao todo, serão 27 atrações, a serem divulgadas aos poucos, que vão se apresentar em cinco palcos diferentes. A pré-venda dos ingressos começa no dia 17 de março e se estende até 23, pelo site www.joaorock.com.br

Atrações do Oscar

A direção do Oscar anunciou nesta terça (10) parte dos artistas que se apresentarão na 98ª edição do Oscar, no próximo domingo. As apresentações musicais são inspiradas em dois dos principais concorrentes da noite: "Pecadores" e "Guerreiras do K-Pop".

Atrações do Oscar II

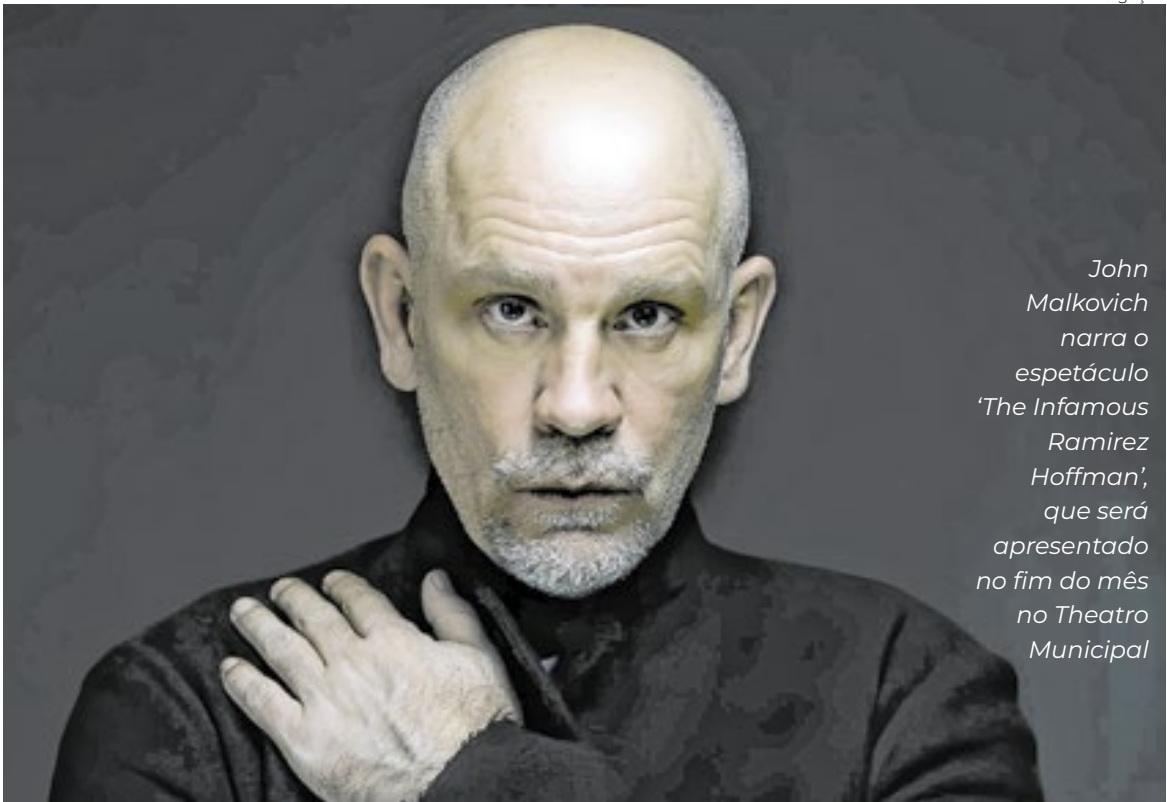
Entre as atrações confirmadas para os números musicais estão nomes como Misty Copeland, Eric Gales, Buddy Guy, Brittany Howard, Chrystone "Kingfish" Ingram, Jayme Lawson, Li Jun Li, Bobby Rush, Shaboozey, Alice Smith, Josh Groban e o Los Angeles Master Chorale.

De olho no engajamento

Ana Paula Renault deve renovar seu contrato com a Globo após o BBB 26. Por causa de seu forte engajamento, a emissora já sinalizou à equipe da jornalista mineira que deseja continuar com a parceria após o fim do reality show. Atualmente, a mineira conta com 6 milhões de seguidores no Instagram, com crescimento de cerca de 100 mil seguidores a cada dois dias.



Divulgação TV Globo



Divulgação

John Malkovich narra o espetáculo 'The Infamous Ramirez Hoffman', que será apresentado no fim do mês no Teatro Municipal

'É primo da minha peça'

Ator compara seu espetáculo sobre escritor ligado à extrema direita com 'O Agente Secreto'. Produção será encenada no Rio e em SP

DAVI GALANTIER KRASILCHIK
Folhapress

Entre os preparativos para sua viagem ao Brasil, John Malkovich conseguiu um tempo para ver "O Agente Secreto", filme brasileiro que concorre a quatro categorias no Oscar de 2026, incluindo a de melhor filme. Às vésperas de apresentar "The Infamous Ramirez Hoffman", espetáculo baseado em um conto do chileno Roberto Bolaño que desembarca no Teatro Municipal do Rio e na Sala São Paulo no fim do mês, o ator compara o projeto de Kleber Mendonça Filho com sua atração.

A peça une monólogo e concerto musical e ironiza um autor fictício, ligado à direita e defensor da arte como passe livre para faltar com a moral. "Acredito que o filme é uma espécie de primo distante da minha apresentação. Armando [personagem de Wagner Moura] poderia ser um dos homens na mira de Ramirez Hoffman", diz Malkovich à reportagem, logo após elogiar a atuação do protagonista. Na trama de

Mendonça Filho, Moura vive um professor de universidade pública que decide fugir para o Recife após desagradar um empresário perigoso.

Ambientado no Brasil da ditadura militar, o filme retrata um período de centralização do poder — ferramenta de domínio que o trabalho de Malkovich questiona com certa frequência, embora ele já tenha dito, em várias ocasiões, não se enxergar como alguém de postura política. Reconhecido pelos muitos vilões que já viveu no cinema, o ator tem "Guerrilha Sem Face" como único longa-metragem que dirigiu na carreira, projeto sobre um policial sul-americano que caça um líder revolucionário em meio a um governo instável.

Mais de uma década depois, o ator subiu ao palco com "Just Call Me God", um de seus vários projetos que investigam o caráter de figuras autoritárias. Em cena, ele encarna um ditador, prestes a ser deposto, que busca ser considerado uma divindade.

Malkovich traça um paralelo entre o narcisismo desses personagens, incapazes de aceitar opiniões diferentes das suas, e aquele gerado, hoje, pelas redes sociais. "As pessoas andam dizendo muitas coisas sem pensar. Tudo se resume a uma lógica de 'eu sinto raiva, eu sinto isso ou aquilo'."

"O final de 'O Agente Secreto' é chocante. Os dominantes decidem acabar com aquela personagem só porque ele não via o mundo da mesma forma que eles", comenta.

Sobre o seu interesse pela América do Sul, ele cita a literatura da região, marcada por figuras como Bolaño e Mario Vargas Llosa, e a vontade de conhecê-la cada vez melhor. "Sou atraído por ela por não ter crescido lá. A história parece ter se esquecido que esse já foi o 'novo mundo', e muitos insistem em separá-la da América do Norte. É um lugar com histórias muito ricas e cujos autores parecem ter criado outro planeta."

SERVIÇO THE INFAMOUS RAMÍREZ HOFFMAN

Theatro Municipal (Praça Floriano, s/nº - Cinelândia)
29/3, às 17h
Ingressos entre R\$ 200 a R\$ 800

“O final de 'O Agente Secreto' é chocante. Os dominantes decidem acabar com aquela personagem só porque ele não via o mundo da mesma forma que eles” JOHN MALKOVICH

O peso do esquecimento

Com Fulvio Stefanini em forma primorosa, “O Pai” chega ao Rio para temporada que celebra 70 anos de carreira do veterano ator

Aos 86 anos e com 70 de palco, Fulvio Stefanini encontrou em André — um idoso rabugento, divertido e progressivamente devorado pelo Alzheimer — um de seus papéis mais celebrados. “O Pai”, em cartaz no Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch, acumula cerca de 300 apresentações, 150 mil espectadores e os prêmios Shell e Bibi Ferreira de Melhor Ator, ambos conquistados em 2016.

O texto é do dramaturgo francês Florian Zeller e já foi encenado em mais de 30 países. A peça ganhou projeção ainda maior com



Fulvio Stefanini vive André, um idoso rabugento em estado acelerado de Alzheimer

sua adaptação cinematográfica — dirigida pelo próprio autor e protagonizada por Anthony Hopkins, vencedora dos Oscars de Melhor Ator e Melhor Roteiro Adaptado —, o que reforçou a atualidade da obra. No palco, a história acompanha André e sua filha diante de um dilema doloroso e reconhecível: cuidar do pai ou seguir a própria

vida ao lado de um novo amor. A trama avança entre momentos de humor e emoção, retratando com delicadeza uma realidade presente em muitas famílias. Completam o elenco Lara Cordula, Fulvio Stefanini Filho, Deo Patricio, Carol Mariottini e Leo Stefanini.

Iniciada em 1955 na extinta TV Tupi, a trajetória de Fulvio Ste-

fanini reúne décadas de trabalho no teatro, cinema e televisão. Na TV Globo, participou de produções como “Gabriela”, “Pátria Minha” e “Chocolate com Pimenta”; no cinema, esteve em “Quincas Borba” e “O Bem Dotado”. Em “O Pai”, o veterano ator comprova a inutilidade dos preconceitos relacionados à idade com uma atuação sublime.

SERVIÇO

O PAI

Teatro TotalEnergies – Sala Adolpho Bloch (Rua do Russel, 804 - Glória)
Até 22/3, às sextas e sábados (20h) e domingos (17h)
Ingressos: Plateia Central - R\$ 150 e R\$ 75 (meia) | plateia lateral - R\$ 50 e R\$ 25 (meia)

NA RIBALTA

POR AFFONSO NUNES



Nil Caniné/Divulgação

Na heteronormatividade

O espetáculo “Hétero Sigilo”, com idealização, dramaturgia e atuação de Bernardo Dugin, está em cartaz no Teatro Laura Alvim com temporada até o dia 29. A peça aborda os mecanismos de silêncio e performance impostos pela heteronormatividade, explorando os custos emocionais impostos a quem esconde a própria identidade. Em formato autobiográfico, Dugin reflete sobre os pactos feitos para se adequar às expectativas sociais e aponta caminhos de coragem e pertencimento. Direção de João Fonseca.



Divulgação

Delírios quixotescos

A companhia ETC e Tal apresenta “Dom Quixote” no Teatro Gláucio Gill até 29 de março. O espetáculo adapta a obra do espanhol Miguel de Cervantes (1547-1616), um clássico da literatura universal, por meio do teatro físico, pantomima e narrativa gestual. Com Alvaro Assad no papel do cavaleiro da triste figura e Márcio Moura como seu fiel escudeiro Sancho Pança, a montagem explora a fronteira entre realidade e fantasia por meio de objetos cotidianos e transformações cênicas inesperadas.



Vida Fodona/Divulgação

Tempo e transformação

Hortência volta à cidade natal em busca do que ficou suspenso. Hélio, que nunca partiu, é dono de uma rádio local. Este é o fio narrativo de “Temporal”, em cartaz no Teatro Poeirinha. Entre movimento e permanência, os dois personagens revelam modos distintos de existir enquanto a cidade aguarda um temporal. Passado, presente e futuro se sobrepõem num drama sobre vínculos, tempo e transformação. Idelaização e atuação de Giovanna Nader e Vito Fragozo, da Cia do Agora, e direção de Marco André Nunes.

soco na cara visual

Com intervenções fotográficas que tensionam história, violência e representação, Mulambö expõe pela primeira vez em São Gonçalo — cidade onde a série nasceu do deslocamento



Mulambö encontrou na fotografia uma saída e, nela, um método: tomar imagens em preto e branco — extraídas de jornais, revistas e arquivos históricos — e intervir sobre elas com tinta vermelha



AFFONSO NUNES

A circularidade define o gesto de Mulambö ao levar para São Gonçalo a série que nasceu exatamente ali, em um momento de desenraizamento. A exposição “De volta ao lugar”, que estreia nesta sexta-feira (13) no Sesc São Gonçalo, reúne dez intervenções fotográficas iniciadas em 2016, duas esculturas e uma bandeira — trabalhos que o artista produziu quando morava na cidade sem, de fato, sentir que pertencia a ela.

“Eu estava lá querendo estar em Saquarema. Era muito essa ideia do entre, de não estar na minha cidade, nem me sentir pertencente a São Gonçalo de verdade. Essa série foi a forma que encontrei de me relacionar com esse movimento de não estar em casa”, conta.

A série surgiu de uma necessidade prática que se converteu em linguagem. Sem espaço físico nem estrutura para pintar, Mulambö encontrou na fotografia uma saída e, nela, um método: tomar imagens em preto e branco — extraídas de jornais, revistas e arquivos históricos — e intervir sobre elas com tinta vermelha. O resultado é deliberadamente impactante. “A ideia do vermelho sobre o preto e branco é esse sentimento de praticamente um soco na cara visual. É chamar atenção”, define o artista. Embora parte das intervenções tenha origem digital, ele reaplica manualmente a tinta sobre as impressões, garantindo textura e presença física às obras.

O recorte temático é amplo e tenso: imagens da ditadura, jogadores de futebol, iconografias religiosas, operações policiais. Obras como “São Jorge” misturam devoção e vida urbana; “Faço o fogo e carrego a fogueira” e “Na guerra cupido vira caçador” embaralham símbolos e realidades. Em “Heróis” e “Nobre (Resistência)”, o carnaval e a periferia entram em diálogo com a representação do corpo negro. Entre os inéditos, “Depredação do patrimônio público” estende o olhar para além das figuras humanas, ressignificando monumentos e estruturas como herança de violência colonial.

Outro trabalho inédito traz a imagem de Pelé para estabelecer, nas palavras do próprio artista, “uma rima visual que questiona permanências e distorções na representação do corpo negro na história brasileira”. A intenção que atravessa todos os trabalhos é a mesma: “A ideia desses trabalhos é modificar o ponto de vista das representações. Não esconde o que acontece, mas você dá o protagonismo para quem está vivendo de fato.”

A curadora Isabel Portella, que assina também a mostra anterior do artista, “O Canto da Vila”, lê o trabalho como gesto político de resistência: “É na resistência que os artistas traçam as possibilidades de um circuito ativo, dinâmico e lúdico. A arte não renuncia às experimentações, porque este é o caminho para resistir e transgredir.”

Nascido em 1995 e criado na Praia da Vila, em Saquarema, João tornou-se Mulambö — nome que carrega a identidade de um artista cujo trabalho circula por instituições como Masp, Pinacoteca de São Paulo, Museu de Arte do Rio e Inhotim.

SERVIÇO

DE VOLTA AO LUGAR

Sesc São Gonçalo (Av. Pres. Kennedy, 755, Estrela do Norte, São Gonçalo) | De 13/3 a 14/6, de terça a domingo e feriados (9h às 17h30) | Entrada franca